



A Origem do Universo e os mitos sonoros¹

Marcos Júlio Sergi²

Universidade de Santo Amaro – UNISA – Faculdade Paulus de Tecnologia e
Comunicação - FAPCOM

Resumo

O evento acústico está presente em todos os momentos da vida da espécie humana. Para o homem arcaico, as emanções sonoras foram responsáveis pela criação e desenvolvimento do Universo. Cada emanção sonora se materializou simbolicamente em um Ente Sobrenatural, desvelado pelo homem pelos sons onomatopaicos para poder se comunicar ele. A perenização simbólica foi definida pela representação constante dos atos de criação sonoros por meio de histórias coletivas para que permanecessem na memória. O universo fantástico está presente em todas essas representações, mantendo viva a tradição. Na medida em que são tidos como verídicos e modelos para a conduta humana, toda a comunidade os absorve e consome intelectualmente. Nesta pesquisa analisamos a interrelação entre memória, mito, consumo, gestos sonoros inaugurais e simbolismo, oralizados nos mitos cosmogônicos, responsáveis pela origem do universo.

Palavras-chave: Mito; memória; cosmologia; simbolismo.

A música é a voz harmoniosa da criação; um eco do mundo invisível; uma nota de divina concórdia que o universo inteiro, um dia, está destinado a soar.
(Mazzini)

Nas imagens e nos sonhos, que penetram na alma humana, ocorre a industrialização do espírito, impulsionada pelo sincretismo entre o real e o imaginário. A relação do consumo imaginário se estabelece por meio do estético. O receptor penetra num universo imaginário, que passa a ter vida para ele. Os heróis são um desdobramento dele, de forma complementar e simultânea, de acordo com transferências incessantes. O imaginário permite a projeção e a identificação estética, mágica. Os heróis passam a ser modelos. No *optimum* da projeção-identificação, o imaginário cria mitos que se constituem em verdadeiros “modelos de cultura”. A

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho 7 – COMUNICAÇÃO, CONSUMO, MEMÓRIA, do 6º Encontro de GTs de Pós-Graduação - Comunicon, realizado nos dias 14 e 15 de outubro de 2016.

² Pós-Doutor em Comunicações pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Professor na UNISA e na FAPCOM. Coordenador do Grupo de Estudos em Comunicação e Professor do Curso de Mestrado Interdisciplinar em Ciências Sociais da UNISA. mj.sergi@uol.com.br



cultura de massa extravasa o imaginário e ganha a informação. Assim, a dramatização predomina sobre a informação. (MORIN, 1969)

É interessante observar que esses heróis vão sendo redimensionados de acordo com as aquisições de novos códigos culturais, garantindo a continuidade de sua importância como elementos de organização da estrutura social, ética e emocional. A cada novo aparato tecnológico inventado pela indústria bélica, surge um herói com poder para barrar a destruição causada por esta invenção. Esses heróis ganham a afeição da população, que os deificam como salvadores da humanidade, indispensáveis à sua própria vida. Para que permaneçam no inconsciente coletivo deve ocorrer o tripé comunicação, consumo e memória.

A comunicação dá vida a esses Entes Sobrenaturais e seus feitos. Para que ela seja eficiente e ganhe veracidade, líderes espirituais se valem do universo onírico, por meio de narrativas fantásticas. Por responderem a desejos presentes no inconsciente do receptor, são incorporados por ele, que compra qualquer produto associado à sua imagem, colocado no mercado como aquisição indispensável para mantê-los “vivos”. Por responderem aos seus desejos, são incorporados na memória dele, que cria ressignificações a seu respeito de acordo com suas necessidades pessoais. A mídia massiva completa o ciclo pela exposição constante de seus feitos em revistas, seriados na televisão, cinema, sites da internet e redes sociais, entre outros.

Esta conexão existe desde as culturais arcaicas, nas quais os líderes repetiam esses feitos em curto espaço de tempo em narrativas performáticas que não deixavam dúvida alguma aos ouvintes.

O universo é responsável pela existência do maior número de Entes Sobrenaturais e mitos relativos à sua criação. Passamos a analisá-los por estarem presentes desde o primeiro agrupamento organizado até os dias de hoje.

1. O universo do fantástico

Duas máximas são características da espécie humana: o culto ao mítico e a dependência absoluta relativa ao som. Elas estão presentes em todas as comunidades



arcaicas, na medida em que necessitam do universo fantástico³ para entenderem suas origens e por todos os seus atos serem marcados por gestos sonoros.

A primeira máxima pontua o cotidiano rural e urbano. Personagens fantásticos sempre estiveram presentes para direcionar os cidadãos e cercear atos considerados inadequados para determinado agrupamento social. Em momentos de afrouxamento dos hábitos, esses seres aparecem para “castigar” ou “redirecionar” as pessoas rumo ao caminho considerado correto.

Para Mircea Eliade⁴, os mitos surgiram para manter a “tradição sagrada, revelação primordial, modelo exemplar”. Eles são “modelos para a conduta humana e conferem significado e valor à existência” (ELIADE, 1963, p. 11)

As comunidades arcaicas se expressavam exclusivamente pela oralidade e tinham, “no ritual, o primórdio desvelado pela existência e nomeação dos Entes Sobrenaturais como forma de conhecimento da cosmogonia”. (JOSÉ, 1996, p. 13). A forma de entender o princípio da criação é explicada pelo mito. O relato mítico é uma estória verdadeira, uma desvelação do sagrado; “ele relata de que modo algo foi produzido e começou a ser. O mito fala apenas o que realmente ocorreu do que se manifestou plenamente”. (ELIADE, 1991, p. 11)

Para as comunidades arcaicas, o mito é um relato sagrado que apresenta o fato como acontecendo no tempo fabuloso da origem, do começo, do princípio. O homem arcaico não compreende como tudo aconteceu e, por isso, o relato mítico conta como os Entes Sobrenaturais realizaram a existência do Cosmo, tornando presente os gestos cosmogônicos que deram início ao mundo. (JOSÉ, 1996, p.13/14)

Cada mito narra exclusivamente os gestos de um Ente Sobrenatural com o intuito de ordenar o mundo e a comunidade à qual pertence e possibilita, por meio dos rituais, a integração do homem arcaico no Cosmo.

[...] o mito é uma hipótese de como o gesto inaugural foi realizado e, através do rito, as comunidades encenam, constroem o espaço e o tempo primordiais

³ Este termo é usado neste artigo para definir ações, personagens ou algo fictício, que tem origem na imaginação ou na fantasia.

⁴ Pesquisador especializado no estudo dos mitos em sociedades orais e da Antiguidade.



da verdade eufórica, isto é, a verdade fundamentada na sensação de estar realizando outra vez o gesto primordial. (Ibidem, p. 16)

2. O universo acústico

O som está implícito em todos os atos do ser humano. Mesmo imóvel, nosso corpo está repleto de sons: O sangue correndo pelas artérias, as batidas do coração, a digestão dos alimentos. Em cada partícula, em cada átomo, sons atestam que estamos vivos. Mesmo após a morte, o processo de desintegração da estrutura física é assinalado por dezenas de emanações sonoras. Desta forma, encontramos a origem na magia que envolve as especulações das pessoas sobre o som.

Desde o primeiro ato de consciência da espécie, o aspecto que mais chamou a atenção foi o som, representado pelos Entes Sobrenaturais. Desde o vento, o mar e a chuva, até a descoberta da carcaça do casco da tartaruga como emanação sonora vibratória, o som foi o aspecto que mais instigou a mente humana.

A necessidade de desvelar esses mistérios fez o homem treinar sua voz e seu corpo para reproduzir esses sons mágicos e, dessa forma, comunicar-se com os deuses, criações do imaginário de sua mente pensante recém-descoberta.

Nesse ato evolucionista, no momento dos agrupamentos sociais, o homem criou códigos de comunicação para identificação e proteção de seu grupo. A partir da respiração, surgem as palavras. O som torna-se complexo e ganha significados.

Ao estudar a ciência da respiração, a primeira coisa que notamos é o fato de ela ser audível: é uma palavra em si, pois o que chamamos de palavra é só uma manifestação verbal da respiração produzida pela boca e pela língua. Mediante a habilidade da boca, a respiração se faz voz, daí por que o estado primevo de uma palavra é a respiração. Se dissermos: 'No início era a respiração', isso é o mesmo que dizer 'no início era o Verbo'. O primeiro sinal de vida de que se tem conhecimento é o som – e som também é palavra. (BERENDT, 1993, p. 47)

O hieróglifo egípcio para “língua” também significa “palavra”. “É a língua que forma o som que, por sua vez, é causa da palavra. Thot, deus da palavra e da escrita, da dança e da música, cria o mundo ao repetir sua “palavra que ri” por sete vezes”. (Ibidem, p. 216).



Nas culturas orais, sempre houve uma identificação do deus como aquele que dá energia, vida, “que anima o mundo”. Dudley Young (1992, p. 403) afirma que:

O que anima o mundo é *anima*, palavra latina para alma e respiração. “Se a alma do homem reside em sua respiração, a alma do mundo está no sopro de Deus” [...] O homem feito de barro é trazido à vida pelo sopro dos deuses. E que o próprio mundo é criado pela boca dos deuses. (FONTERRADA, 2004, p. 16)

A união das duas máximas acima citadas se fez naturalmente. Era (e ainda é) essencial para a espécie tentar compreender como o universo surgiu. Sendo o som imprescindível à espécie e a necessidade de explicar tudo segundo concepções pessoais, nada é mais lógico do que fundir a criação do universo à emanção sonora.

3. Mitos Cosmogônicos

Destacamos dois tipos de mitos de criação: a) mitos etiológicos, que resultam de especulações a respeito do início das coisas; b) mitos rituais, realizados em cerimônias periódicas, com o intuito de continuidade. Nos mitos etiológicos, ocorre a descrição do ato da criação e quem foi o autor; nos mitos rituais, o ato da criação é recriado para que não seja deturpado de sua ação original ou esquecido.

As sociedades primitivas não tinham a noção de tempo, nem de começo ou fim. Somente a partir do momento em que o homem alcançou o poder de reflexão estes aspectos começaram a ser questionados.

O mito de criação é utilizado como fim de propaganda política em muitas sociedades arcaicas, enfatizando a importância regional. Entre as diversas cidades egípcias, houve uma disputa acirrada pelo deus criador: em Heliópolis, Atum; em Mênfis, Ptah; em Tebas, Amun. Em nenhum deles, há a preocupação de explicar a origem humana, fato presente nas demais culturas primitivas.

Os mitos cosmogônicos, em suas diversas concepções, fazem sempre alusão simbólica ao parto, realizado por “um agente, de alguém, algum ser *produzindo* o começo, dando vida ao que é inerte e ordem ao caótico”. (GONÇALVES, 1974, p. 507)



Esta ideia de criação já estava presente no período paleolítico, pois o homem, ao pintar a figura de um animal, de suas mãos ou de si próprio, atuava como criador. Mitos do período neolítico, retratados em cerâmicas, mostram o deus como um oleiro, um artista modelando os primeiros homens. Após criá-los, dá-lhes vida pelo ato sonoro.

Sempre o elemento acústico intervém na criação do mundo, seja na forma de uivo (crença dos antigos egípcios e de algumas tribos primitivas da África), de sopro, ou de sons vocais, manifestados nas mais diversas possibilidades sonoras.

No instante em que um deus manifesta a vontade de dar nascença a si próprio ou a outro deus, de fazer surgir o céu e a terra ou o homem, emite um som. Expira, suspira, fala, canta, grita, ulula, tosse, expectora, soluça, vomita, troveja ou toca um instrumento musical. (ROLLAND-MANUEL, 1965, p. 146)

Estas emanações sonoras surgem do abismo primordial, da caverna cantante, da fenda na rocha, do vazio ou das águas estáticas. Desse não espaço, desse vazio, o sopro suave do deus, resultado do pensar, propaga-se e o espaço é criado. Essa materialização, evidentemente, resulta de imagens criadas nos mitos.

É um monólogo cujo corpo sonoro constitui a primeira manifestação perceptível do *Invisível*. O abismo primordial é, pois, “um fundo de ressonância” e o som que dele emana deve ser considerado como a primeira força criadora, personificada na maior parte das mitologias pelos deuses-cantores. (Ibidem, p. 146/147)

4. Elementos da Natureza

O trovão é um elemento identificado ao ato criador. “O pensamento criador de Deus é o grito-relâmpago que produz o trovão, e só após a trovoada é que o canto da luz do sol começa a radiar” (Ibidem, p. 150). Encontramos narrativas tendo o trovão como deus entre os nômades mongóis, os índios Cheyenes americanos, os Zulos, os Massai e os Ewe africanos, os polinésios, os chineses e os Mbowamb da Nova Guiné, entre outros.



Povos arcaicos de todo o planeta, como os Aranda da Austrália, os Samoiedas e os Koryak da Ásia Setentrional, os Zulus e os Bashlengwe da África do Sul e os Massai, indígenas americanos, reconhecem a voz de Deus em elementos da natureza, no ruído da chuva e do vento.

5. Múltiplas formas

O criador apresenta-se muitas vezes também como quadrúpede rugidor (o touro védico ou persa), como inseto zumbidor, como ave-do-trovão ou como deus-cantor, antropomorfo, totalmente branco e resplandecente. (Ibidem, p. 147)

O deus criador apresenta-se sob as mais diferentes formas. Na África, Mulungu, deus criador dos Kamba, é uma flauta, da mesma forma que para os japoneses; entre os Kato, Pomo e os Yuki, da Califórnia, é um grande ronco; entre os aborígenes californianos, o mundo surgiu da flutuação de uma pena. Esta começou a girar e surgiram sons que fizeram aparecer a terra.

Para os egípcios e chineses, é um crocodilo, que bate no ventre com a própria cauda, ou seja, é um tambor. Este instrumento aparece também venerado na Ásia Menor, como o deus Ea ou Enki ou como árvores falantes, esculpidas em formas zoomórficas ou antropomórficas. Nas Ilhas da Sociedade, o deus Taarva introduziu-se em uma concha marinha. No Cáucaso, a terra foi separada do mar pelo sopro de dois tubos; no Japão, um caniço sagrado fez surgir o criador.

Para “civilizações tecnicamente mais avançadas”, o criador aparece como um “oleiro, um carpinteiro ou um escultor que, após ter modelado os corpos, comunica-lhes a vida por meio do seu grito, da sua expiração sonora ou da sua saliva” (Ibidem, p. 148). Porém, entre essas civilizações, a ênfase é dada mais ao corpo criado do que ao som gerado pelo ato.

Entre as civilizações arcaicas, ao contrário, o evento acústico é fundamental. Os nomes dos deuses criados e do próprio deus criador correspondem a sons definidos, e não a definições. Passam a existir a partir da pronúncia de seu nome. Exceções são encontradas em Java, onde o deus criador surge do som de um sino; na



Índia, de uma orquestra de tambores ou entre os Zulos, de uma flauta de bambu. No Irã, a luz (criação) surge da evocação do touro celeste; na Índia, do “mugido de uma vaca luminosa”.

6. Ovo

A representação do ovo resplandecente como elemento criador também é uma constante entre os mitos de criação. O rachar do ovo corresponde a uma cabeça, cuja boca emite o primeiro som. O deus egípcio Amon, sob a forma de uma gansa, chocou o ovo solar e anunciou a luz ou o nascimento do sol, o deus Ra; na Índia, a fenda do ovo permitiu a saída do deus-cantor. “O *Aitareya Bráhmãna* diz-nos que o ovo chocado por Atman ‘fendeu-se como uma boca’ para proferir a primeira palavra...” (Ibidem, p. 150). Na China, o deus P`na Ku nasceu do ovo cósmico.

7. Dualidades

Encontramos a contraposição entre escuridão e claridade nos mitos de criação. O mundo é criado a partir de um raio de luz, do grito criador de um galo divino, do rugir de um animal feroz ou do Sol.

A dualidade masculino/feminino também está presente nos mitos de criação. A figura da deusa é fundamental em muitos deles. Na Suméria, “a deusa Nemmu, personificação do mar, é chamada de mãe de todos os deuses. Mas Enki, o deus associado com a água doce, é que aparece com maior frequência como o deus da criação”. (GONÇALVES, 1974, p. 510) A figura da deusa da fertilidade está presente em todas as culturas arcaicas, como princípio e continuidade da vida.

Devemos ter em mente o simbolismo presente entre os primeiros estágios da criação. A interrelação entre escuridão e luz e água e fogo representam a passagem do estágio da inconsciência para o estágio das aquisições intelectuais. Da imitação dos sons produzidos pelos Entes Sobrenaturais, os homens evoluem para a formação de palavras com significados e, finalmente, para o pensamento lógico.

As trevas e as águas simbolizam provavelmente o som puro, enquanto que a luz, que precisa pouco a pouco os contornos das águas, corresponde ao metro. As “águas ternas purpureadas pelos raios da aurora!” só podem ser interpretadas como símbolo da música primordial. Essa música parece



compor-se ora de gritos, ora de sílabas mágicas, ora de gemidos ou ruídos inarticulados. (ROLLAND-MANUEL, 1965, p. 152)

8. Unidade interplanetária

Os chineses acreditavam na “Origem Una” dos sons cósmicos e terrenos. Tudo e todos eram impulsionados por esta unidade interplanetária. Eles tinham a música (o som audível) como uma emanção do Som Fundamental, inaudível, porém presente em toda parte. Este som governava o mundo inteiro.

A vibração Cósmica Fundamental, não diferenciada, era um conceito central da filosofia chinesa. Foi essa Vibração Una que, emanando de Deus, veio a ser os dois – *yang e yin* – sobre os quais se baseou toda a Criação. Acreditava-se que a Vibração Una, origem de toda matéria, energia e ser, era o Verbo enunciado do Supremo. (TAME, 1984, p. 43)

A matemática da música continha as mesmas proporções e princípios sagrados da criação. O número um, origem de todos os demais, representava o próprio deus, o “Grande Um”, unidade suprema. O número dois, a subdivisão do um em dois polos opostos, o *yang* (força masculina, positiva) e o *yin* (força feminina, negativa). Todo o universo, tudo estava equilibrado entre essas duas forças fundamentais. A música verdadeira executada em nosso planeta precisaria conter uma combinação equilibrada entre as duas forças, fato que manteria o processo inicial da criação, a definição das estações do ano.

As quatro cordas externas da cítara e as quatro estações simbolizam a antiga concepção dos quatro aspectos do homem: sua mente abstrata, sua mente concreta, suas emoções e seu corpo físico. (Estes quatro vieram, mais tarde, a ser chamados pelos alquimistas da Europa, “Fogo, Ar, Água e Terra”) (Ibidem, p. 37)

Coincidentemente, são os quatro elementos implícitos nos mitos de criação. Desta forma, o músico, ao tanger as quatro cordas da cítara em uníssono, invoca o princípio uno e a continuidade do ato criativo e da própria vida sobre nosso planeta e o universo.

9. A palavra mágica



No *Upanichad Mandukya*, um dos mais antigos escritos indianos, consta a frase a seguir; “A sílaba OM, que é o imperecível Brahma, é o universo. O que quer que tenha existido, o que quer que exista, o que quer que venha a existir, é OM. E o que quer que transcenda o passado, o presente e o futuro também é OM [...] Ele meditou durante cem mil anos e o resultado da meditação foi a criação do som...” (Ibidem, p. 217). O termo “Brahmá” pode ser traduzido como palavra sagrada ou hino. De sua boca saem os primeiros deuses imortais, que são cânticos. (ROLLAND-MANUEL, 1965)

Os *Upanishad* não se cansam de nos repetir que os sons OM ou AUM são sílabas “imortais e intrépidas” criadoras do mundo. Segundo os *Nadabindu Upanishad*, o sopro sonoro de Atman (isto é, o próprio Atman) simboliza-se por uma ave cuja cauda corresponde ao som da consoante M, a asa direita à vogal A e a esquerda ao U. (Ibidem, p. 147)

Da mesma forma que na sabedoria antiga chinesa, para os indianos, ao ser entoada a sílaba OM, emana o “Som do Tom Único”, o Som Cósmico, a Vibração Primária.

Descendo em frequência dos reinos do puro espírito para a arena do tempo e do espaço, o OM molda e organiza a matéria-energia primordial de maneira que provoca a coalescência dos átomos, revelando, desta forma, a matéria física. Tudo o que existe, portanto, é concebido como sendo fundamentalmente de natureza vibratória [...] A luz, o calor, o som audível [...] são a força vibrátil do OM que se manifesta em diferentes frequências e combinações de frequências. (TAME, 1984, p. 185)

Há uma coincidência entre os mitos de criação dos hindus e dos cristãos. O OM é o Verbo, a segunda pessoa da Trindade, no Hinduísmo é Vixnu e, no Cristianismo, o Filho. Entre os chineses, os hindus e os cristãos, há uma unidade: os mitos de criação surgem da emanação sonora. A manifestação terrena da “Origem Una” chinesa, do OM hindu e do Verbo cristão é similar, uma onda vibratória audível em nosso planeta.

O livro dos Vedas diz: “No princípio era Brahma, com quem estava o Verbo. E o Verbo é Brahma”. Os tibetanos dizem: “No princípio era OM”. O trecho do



Evangelho segundo São João diz: “No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus”. (FIGUEIREDO, 1979, p. 948)⁵. Essas citações confirmam que Deus criou o universo por meio de uma emanção vibratória.

As mais diversas culturas arcaicas utilizam variantes da sílaba OM para expressar essa emanção vibratória. “O Som Cósmico, impregnado da essência da Consciência, tem sido variadamente conhecido por AUM, AMN, AMEN, AMEEN, OMEN, OMON, I AM, HU, YAHUVAH”. (TAME, 1984, p. 223).

Por vezes, só há uma referência à criação geral de toda substância e de toda vida pelo Som Único. Outras vezes, há referências mais precisas ao deus-criador, que teria formado cada objeto e cada criatura viva por meio de uma sucessão de “verbos” diversificados. Acreditavam os sumérios que os deuses haviam criado o universo com suas “poderosas ordens”. De maneira semelhante, a vida e a matéria foram criadas através de um verbo ou verbos sagrados pronunciados pelo primeiro deus ou deuses, nos mitos dos hebreus, celtas, chineses, egípcios, índios americanos e dos maia-quichuas [...] A mesma idéia volta a aparecer no conceito pitagórico da Harmonia das Esferas, conceito esse que exerceu considerável influência nas primitivas eras cristã e medieval. (Ibidem, p. 224)

10. Emanação acústica

Marius Schneider cita que, na mitologia asteca, o criador era imóvel e inaudível. Cansado, arremessou a montanha ao longe e rompeu seu silêncio para criar o mundo e os seres humanos. “Aí ele cantou: Faça-se o mundo! E fez-se o mundo” (BERENDT, 1993, p. 216)

Na religião cristã, o “Livro do Gênesis” mostra que, a cada ordem proferida por Deus, é criado um elemento do universo. Ou seja, ele é criado pela emanção vibratória da ordem dada, pela ação do som, como o “anúncio acústico dessa criação[...] (FONTERRADA, 2004, p. 15). Não são citados pensamentos, nem com a ação física, mas com a palavra que ganha um significado e vai se tornar o grande diferencial da espécie humana em relação às demais espécies. A sequência das

⁵ Evangelho segundo João 1:1.



palavras dita a ordem da criação: “o Céu, a Terra, o Sol, a Lua e as estrelas, os peixes, as aves e todas as criaturas vivas”.

E disse Deus: Haja luz: e houve luz.

... E disse também Deus: Ajuntem-se as águas debaixo dos céus num só lugar, e apareça a porção seca. E assim se fez.

... E disse: Produza a terra relva, ervas que dêem semente, e árvores frutíferas que dêem fruto segundo a sua espécie, cuja semente esteja nele sobre a terra. E assim se fez. (BERENDT, 1993, p. 225)

No Salmo 19, os judeus proclamam versos exaltando a voz divina, sem a qual tudo permanece absolutamente imóvel.

Os céus proclamam a glória de Deus... Um dia discursa a outro dia... Não há linguagem, nem há palavras, e deles não se ouve nenhum som. No entanto, por toda a Terra se faz ouvir a sua voz, e as suas palavras até aos confins do mundo. Aí pôs uma tenda para o Sol... (Ibidem, p. 227)

Os egípcios também proclamam a força do som sagrado. No *Livro egípcio dos Mortos*, é citada por Deus e seus deuses-servos menores a visualização seguida da pronúncia do nome da coisa a ser criada. Na tradição egípcia, o deus Atum, autogerado, faz nascer os demais deuses “nomeando as partes do seu corpo, de onde eles emergem”.⁶

Em Memphis, o deus Ptah pensa (coração) o ato criacionista e traz os deuses à vida por meio da fala (boca). (FONTERRADA, 2004, p. 17).

Trechos encontrados em papiros do Antigo Império do Egito citam o deus da criação Rá, também denominado Amen-Rá⁷, proclamando a criação: “Numerosas são as formas daquilo que procede da minha boca”, ou, “Rá falou no princípio da Criação e mandou que a Terra e os céus se erguessem da imensidão das águas”. Em outro hieróglifo, o deus Thot bateu palmas e soltou sete gargalhadas, nascendo os sete deuses. (ROLLAND-MANUEL, 1965, p. 155)

⁶ No Antigo Egito, entre 2480 e 2137 a.C, os sacerdotes de Heliópolis, deixaram escritos vários textos sagrados a respeito do misterioso deus Atum, “O ainda incompleto”. Ele foi associado ao Sol (Ra) sob o nome de Atum-Ra. (BERENDT, 1993, p. 227)

⁷ O prefixo Amen, amplamente usado nas orações dos cristãos, corresponde ao OM hindu, ou seja, o Som Sagrado.



Riu-se ainda seis vezes e cada gargalhada fez nascer novos seres e novos fenômenos. A terra, apercebendo o som, soltou por seu lado um grito, encurvou-se e as águas dividiram-se em três massas. Nasceram o destino, a justiça e a alma. Esta, vendo o dia, riu-se para logo chorar, o que fez com que o deus assobiasse e, inclinando-se para a terra, produziu a serpente Python que é a presciência universal. A vista do dragão assombrou-o. Estralejou os lábios e a esse ruído acorreu um ser armado. Ao ver tal, de novo se assombrou como perante um ser mais poderoso do que ele e baixou o olhar para o chão proferindo três notas musicais; IAO! Foi então que nasceu o deus, que é senhor de tudo, do eco desses sons. (ROLLAND-MANUEL, 1965, p. 155)

11. Água

É interessante notar que, na maioria dos mitos cosmogônicos, terra e céus surgem das águas, “arquetipo da Criação”, um dos primeiros elementos pronunciados também pelo Deus dos cristãos. Não devemos nos ater ao termo água como o conhecemos, mas como um “oceano primordial”. Entre os relatos egípcios da Criação, isto fica muito claro.

[...] antes de existirem quaisquer formas de seres vivos, existia Nu, vasta massa de Águas celestiais. Nestas, existiam os germes de todas as coisas vivas que mais tarde haveriam de tomar forma, assim deuses dos céus como criaturas da Terra; mas existiam “num estado de inércia ou impotência. Dessas Águas Celestiais emergiu o primeiro deus, Quépera, ou Rá, pronunciando o próprio nome. Daí por diante ele se pôs a criar outras formas e outros deuses pelo processo combinado de visualizá-los e pronunciar-lhes os nomes. [...] Consoante os relatos egípcios da Criação, eram as “Águas” primevas uma massa não-diferenciada de energia. Nessas “Águas” se despejavam as vibrações do Verbo, emitindo, por esse modo, correntes de radiação... (BERENDT, 1993, p. 228/229)

Ainda, segundo documentos a respeito do deus Atum-Ra, “no começo do mundo havia apenas uma imensidão de água, chamada Nun. Dessa massa informe e caótica emergiu Atum e, junto a ele, uma colina, onde pode firmar o pé. Essa colina [...] era o local mais antigo e sagrado do Egito.” (GONÇALVES, 1974, p. 508)

Há uma clara alusão à realidade do povo egípcio, habituado ao reaparecimento das terras, após as enchentes periódicas do Rio Nilo.

12. Caos e Ordem



Entre os babilônios, a cosmogonia *Enuma elish* descreve o caos, no qual só havia Tiamat, o mar, e Apsu, a água doce. “Da união de ambos originou-se a primeira geração de deuses[...]” (Ibidem, p. 511) Este documento era recitado de forma solene em cerimônias anuais para reafirmação da identidade local.

A lenda japonesa da criação relata que Amaterasu, a deusa do sol, refugiou-se em uma caverna, fato que fez a luz solar desaparecer e instaurar-se o caos. O deus criador Izanagi criou uma harpa com arcos e compôs melodias suaves que encantaram a ninfa Ameno Uzume. Esta começou a dançar e cantar. Amaterasu, ao ouvir a canção ao longe, saiu da caverna. Nesse momento, o mundo iluminou-se... Desta forma, o mundo “começou com o som, com a música e a dança”. (Ibidem, p. 219)

13. Vento

Uma lenda entre os tibetanos diz que o ato da criação surgiu do vento, que, ao soar, se transformava em formas diversas.

No princípio, era o vento. Com sua agitação ele criou as *gjatams*, as formas primeiras e o primeiro alicerce do mundo. O vento soava, e enquanto som, formava a matéria. O soar dessas primeiras *gjatams* desenvolveu formas novas que, em virtude de seus sons, por sua vez criaram outras formas[...] (Ibidem, p. 221)

Conclusões

Em síntese, segundo os mitos cosmogônicos, sob as mais diversas formas e metamorfoses ou utilizando instrumentos de sopro ou percussão, o deus criador e seus deuses assistentes utilizaram o som para realizar o ato da criação. A partir da respiração, elemento essencial à vida, interrompia-se a estagnação das águas, a escuridão da noite ou a contemplação, para que todas as formas e seres vivos fossem criados por meio do som. Seja qual for a forma utilizada ou instrumento transformador, o ato da criação sempre é descrito como um fenômeno acústico.

Até os dias de hoje, entre os aborígenes e seitas mediúnicas, há a crença de que o contato com os deuses é realizado por meio de palavras mágicas, que dão aos xamãs, aos pajés e aos médiuns o poder de cura, de mudanças psicológicas e até de



morte. Segundo os hindus, a sílaba criacionista OM é a essência do *sáman* (canto) e do fôlego. Dela, portanto, surgiu a materialização progressiva do mundo.

A sáman é a essência do metro poético, o metro é a essência da linguagem, a linguagem é a essência do homem, o homem é a essência das plantas, as plantas são a essência da água e a água é a essência da terra (vida). (ROLLAND-MANUEL, 1965, p. 159)

Para eles, é essencial que essa sílaba seja entoada constantemente para que haja equilíbrio entre essas forças e que, conseqüentemente, a própria vida na terra e todos os seres que estão sobre ela permaneçam.

Portanto, ao manterem vivos na memória os mitos cosmogônicos, as diversas seitas e culturas mânticas renovam o ciclo de consumo simbólico intelectual, iniciado nas culturas arcaicas, em constante retroalimentação e ressignificação.

REFERÊNCIAS

- BERENDT, Joachim-Ernst. **Nada Brahma**: A Música e o Universo da Consciência. Trad. Clemente Raphael Mah e Zilda Hutchinson Schild. São Paulo: Cultrix, 1993.
- ELIADE, Mircea. **Aspects du mythe**. Paris: Gallimard, 1963.
- _____. **Mito e Realidade**. São Paulo: Perspectiva, Coleção Debates, 1991.
- FIGUEIREDO, padre Antônio Pereira de (trad.). **Bíblia Sagrada**. São Paulo: Paumape, 1979.
- FONTEERRADA, Marisa Trench de Oliveira. **Música e meio ambiente**: a ecologia sonora. São Paulo: Irmãos Vitale, 2004.
- GONÇAVES, Armando (org.). **Homem, Mito & Magia**. 3 Volumes. São Paulo: Editora Três, 1970.
- JOSÉ, Carmen Lúcia. Mito, Mitologia, Mitificação. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1996.
- MORIN, Edgar. **Cultura de Massas no Século XX**. Rio de Janeiro: Forense, 1969.
- ROLLAND-MANUEL. **A Música**: das origens à actualidade. Enciclopédia da Plêiade. Ed. Portuguesa: Fernando Lopes Graça. Barcelos: Arcádia, 1965.
- SCHAFER, Murray. **A afinação do mundo**. Trad. Marisa Fonterrada. São Paulo: Editora UNESP, 2001.
- TAME, David. **O poder oculto da música**: A transformação do homem pela energia da música. Trad. Octavio Mendes Cajado. São Paulo: Cultrix, 1984.
- YOUNG, Dudley. **Origins of the Sacred**. New York: Harper Perennial, 1992.